

Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna

Susana da Silveira Gonçalves (Laboratório Corpus/UFSM)*

Resumo: Tomamos como objeto de pesquisa recortes do discurso de Celso Pedro Luft de sua obra **Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna**, primeira edição, publicada em 1985. Nosso trabalho, neste artigo, mobilizando noções de Análise do Discurso, tem por objetivo interpretar o discurso de Celso Pedro Luft ultrapassando as evidências do texto. Vamos procurar sentido não só no que se encontra no âmbito linguístico, mas também na exploração dos contornos históricos e biosociais do discurso, levando em consideração as condições de produção.

Palavras-chave: discurso; interpretação; condições de produção.

Introdução

Embora tenha havido, no início do século XX, a procura pela autonomia dos estudos linguísticos, sabemos já, em virtude de estarmos filiados à Análise do Discurso, que ao visarmos a uma interpretação, é impossível limitarmo-nos aos fatos linguísticos porque a linguagem não pode ser separada de todos os demais elementos pertencentes ao nosso universo biossocial. A impossibilidade da autonomia da linguística foi e tem sido bastante trabalhada pela Análise do Discurso. As diferentes tendências que tomam os estudos sobre a linguagem repousam, segundo Michel Pêcheux, considerado como fundador da AD, em

[...] uma contradição entre sistema linguístico (a língua) e determinações não-sistêmicas que, à margem do sistema, se opõem a ele e intervêm nele. Assim, a língua como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à 'história' e aos 'sujeitos falantes' e essa contradição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas, que constituem precisamente o objeto do que se chama a 'semântica' (PÊCHEUX, 1995, p. 22).

Portanto, é preciso interpretar o discurso de Celso Pedro Luft em **Língua e Liberdade** (1985) relacionando-o com a história da sociedade, a história da linguística, a história do sujeito Celso Pedro Luft inserido em seu ambiente familiar e acadêmico, inscrito nas condições de produção.

* Pesquisadora do Laboratório Corpus – PPGL/UFSM. E-mail: susana.silveira@yahoo.com.br.

No decorrer de seu discurso, constante em **Língua e Liberdade**, as referências que Celso Pedro Luft faz e os termos e palavras que usa nos remetem, na interpretação com que trabalhamos, não só a seu significado denotativo ou mesmo conotativo, mas também a seu sentido histórico, às possibilidades que poderiam ter sido usadas e não o foram, às contradições, às aproximações, às repetições, às ausências, ao interdiscurso.

Do título

Iniciemos pelo título **Língua e Liberdade** e seu subtítulo *por uma nova concepção da língua materna*.

A associação de coordenação feita por Celso Pedro Luft, no título, parece-nos a procura por uma conciliação entre o objeto de conhecimento, a língua, e o estado ou a condição do homem que possui a faculdade de agir e/ou decidir conforme sua própria determinação, ou seja, a liberdade. No entanto, o fato de ter sido colocada assim em um livro destinado a tratar do ensino da língua pátria confere à obra um caráter inovador. Provém, então, dessa associação a ideia de uma novidade, ou seja, a de que a língua pode ser associada à condição de liberdade do homem. Se fosse tão natural e normal essa coordenação, se fosse tão óbvia, não se prestaria a intitular uma obra que se quer de caráter inovador. Assim, nesse ponto, pode-se, conseqüentemente, indagar por que não seria a língua relacionada à liberdade. A associação feita no título representa, em nosso olhar interpretativo, sucintamente, o estágio a que Celso Pedro Luft acredita ter chegado: liberto dos grilhões que o obrigaram, ao longo de sua vida, a uma tarefa constante na busca de um completo conhecimento linguístico para si e para seus alunos. Além disso, as condições de produção favoreciam o discurso da mudança.

Ao tomar conhecimento da teoria de Noam Chomsky (1973; 1978), segundo o qual a gramática se encontra internalizada em todos os sujeitos falantes e tendo constatado que sua descrição jamais foi e jamais será cabal, Celso Pedro Luft parece entender que sua busca pelo conhecimento completo não tem razão de ser, o que o torna liberto de tal necessidade.

Da introdução

Na introdução de seu livro, que dirige e intitula *ao leitor*, lemos:

Muitos estranharão que um professor de Português, autor de gramáticas e manuais de ortografia, dicionarista e velho pesquisador apaixonado de problemas de Língua, escreva ‘contra’ a Gramática em sala de aula (LUFT, 1985, p. 09),

ou seja, Celso Pedro Luft qualifica-se como *um professor de Português, autor de gramáticas e manuais de ortografia, dicionarista*. Assim, diz ser um professor que exerce uma dupla função: a de ensinar, ministrando aulas, e a de escrever, divulgando conhecimentos.

Estabelece-se, nesse primeiro parágrafo, um contraste: ele, Celso Pedro Luft, bem identificado, e aqueles que estranharão, aos quais Celso Pedro Luft se refere mediante o uso do pronome indefinido *muitos*, isto é, quaisquer pessoas sem nenhuma identificação, possuidoras ou não de qualificações. Neste ponto, a partir desse nosso ângulo de visão, parece-nos que ele diz: algumas pessoas vão estranhar, mas eu que tenho toda essa qualificação, sei o que estou fazendo e dizendo.

Mesmo assim, no entanto, Celso Pedro Luft mostra de início a sua preocupação com a opinião do outro. O outro, ou melhor, os outros, a quem ele se refere mediante o uso de um pronome indefinido – *muitos* –, vão estranhar. O uso do pronome indefinido revela que a escolha de Celso Pedro Luft privilegiou indeterminar as pessoas a quem se refere e apresentar para o processo de estranhamento sujeitos dos quais não se pode especificar a posição que ocupam. Bem diferente seria se dissesse: Professores estranharão, ou pais estranharão, ou alunos estranharão, ou estudantes estranharão, ou etc.

Parece-nos que ele mesmo se estranha, ele mesmo não se reconhece, do que resulta, talvez, a necessidade de explicar-se. Só que esse não se reconhecer parece-nos estar, mesmo para ele, no patamar linear, o das evidências, já que desde sua necessidade de aprender a língua portuguesa, conforme nos foi possível observar ao longo de sua trajetória e de acordo com suas condições de produção, ele foi desenvolvendo essa posição, sem, no entanto, assumi-la explicitamente como o faz agora, apresentando pinceladas aqui e ali.

Ao próprio Celso Pedro Luft parece paradoxal escrever *‘contra’ a Gramática em sala de aula*, já que passou um longo tempo de sua vida – *velho pesquisador* – dedicando-se à autoria de gramáticas, manuais e dicionários. Além disso, declara-se *apaixonado de problemas de Língua*, ou seja, declara gostar muito do que faz.

Nesse ponto, trabalhemos com o uso da expressão *problemas de Língua*. Por que não *fatos de Língua?* ou *descrições de Língua?* ou *regras de Língua?* Por que *problemas?* Essa palavra o revela, expressando o que foi e tem sido para ele a língua portuguesa: um desafio, uma questão não resolvida ainda, uma questão que suscita discussão a respeito dos conhecimentos que envolve. Por outro lado, observamos que escolhe no paradigma linguístico a utilização do sintagma *contra a gramática em sala de aula* quando poderia ter demonstrado não

as suas restrições, mas as suas preferências escolhendo então dizer “favorável a estes ou a aqueles procedimentos em sala de aula”.

Analisando a materialidade linguística, percebemos que a mobilização dessas palavras e expressões em seu discurso nos conduz ao interdiscurso inscrito na memória de um sujeito social interpelado por uma formação discursiva com a qual já não se identifica.

Do subtítulo

Voltemo-nos ao subtítulo *por uma nova concepção da língua materna*, e analisemos o discurso utilizado por nosso autor.

No quinto parágrafo da introdução de seu livro, que, como já vimos, dirige e intitula *ao leitor*, temos:

O que me preocupa profundamente é a maneira de se ensinar a língua materna, as falsas noções de língua e de gramática, a obsessão gramaticalista, a distorcida visão de que ensinar uma língua seja ensinar a escrever ‘certo’, o esquecimento a que se relega a prática da língua, e, mais que tudo: a postura opressora e repressiva, alienada e alienante desse ensino, como em geral de todo o nosso ensino em qualquer nível e disciplinas (LUFT, 1985, p. 10).

Trabalhemos nossa abordagem analítica inicialmente com uma abordagem sintática do materialismo linguístico.

Celso Pedro Luft inicia o parágrafo com um pronome demonstrativo – *o* – equivalente a *aquilo*, que funciona como núcleo do sujeito sintático ao qual acrescenta uma oração restritiva cujo núcleo é o verbo preocupar, que tem como objeto direto *me* (cujo referente é Celso Pedro Luft), ser sobre o qual recai a ação verbal acrescida de um aspecto circunstancial: profundamente.

Segue-se a este sujeito gramatical, o predicativo *a maneira de se ensinar a língua materna*, termo que, nessa função, traz para o leitor a informação nova.

Se ele tivesse dito *Preocupa-me profundamente a maneira de se ensinar a língua materna*, tornaria a frase mais formal, partindo para um coloquial culto e deslocaria o predicativo para a função de sujeito. Tornando-se, portanto, sujeito gramatical a expressão *a maneira de se ensinar a língua materna*. Nessa diferente construção sintática, dever-se-ia entender que a novidade entre escritor e leitor seria a preocupação de Celso Pedro Luft, e não mais *a maneira de se ensinar a língua materna*, que teria então passado a ser o ponto comum entre escritor e leitor.

Tal como foi construída sintaticamente por Celso Pedro Luft, a frase apresenta-nos um professor de língua portuguesa que busca a inserção numa

comunidade linguística formada por professores que venham a repensar sua docência, e não numa comunidade que já apresenta uma posição fechada. Além disso, busca a comunicação, a adequada expressão e não a sofisticação linguística.

A escolha do verbo preocupar, com o sentido de inquietar, impressionar, prender a atenção, desassossegado, e da circunstância que o acompanha, nos passam com justeza a ideia de seu estado subjetivo.

Mas por que ele se sente assim? De onde vem esse estado de espírito? Lembremo-nos que, de acordo com suas condições de produção, a língua portuguesa sempre foi um obstáculo a ser superado, daí entendermos que, em sua busca pela completude, pelo domínio da língua, ele aprendeu falsas noções, isto é, conceitos que não se ajustam aos que conceituam e que desembocam em um excesso de preocupação com a correção gramatical.

Posteriormente, destaca também a *postura opressora e repressiva, alienada e alienante* do ensino de língua portuguesa. Essas observações nos conduzem ao contexto sócio-histórico de sua infância e adolescência.

Parece-nos que a insatisfação demonstrada por Celso Pedro Luft e que sua ansiosa procura por uma melhor metodologia prática e teórica para otimizar o ensino da língua portuguesa deve-se, também, às dificuldades que provavelmente enfrentou. Infere-se de toda a sua obra que, do seu ponto de vista, a língua e a gramática são para ele *objetos distanciados, inacessíveis, que nos deixam atordoados e inseguros, senão humilhados, quando precisamos falar ou escrever* (LUFT, 1985, p. 32). A língua portuguesa aparece então como objeto de desejo de um imigrante de origem alemã, cuja língua materna, a língua alemã, foi menosprezada e proibida pelas autoridades do país em que nasceu. Para tornar-se sujeito, possuir um lugar na sociedade, precisou aprender a falar a Língua Portuguesa.

Celso Pedro Luft, a partir dos 11 anos de idade, estudou no Instituto Champagnat, seminário de Irmãos Maristas, e aos 18 anos de idade tornou-se seminarista, entrando para a ordem dos Maristas com o nome de Irmão Arnulfo Maria, o que nos assemelha a uma resposta de imigrante alemão à política social de exclusão do governo Vargas, já que Celso Pedro Luft não poderia fazer parte do tipo ideal de brasileiro, idealizado e preconizado pela política do governo Vargas, por: a) ser descendente de imigrantes alemães; e b) falar a língua alemã melhor do que a língua portuguesa. Dentre as regras de inclusão social, constava a necessidade de falar a língua portuguesa, o que não era fácil aos descendentes de imigrantes europeus, daí a importância que representou, em suas atividades profissionais, a aprendizagem da língua materna do país em que nasceu e viveu.

A integração de Celso Pedro Luft à ordem marista atribui-lhe um papel social bastante valorizado à época, ou seja, Celso Pedro Luft deixa de ser

uma ameaça ao imaginário idealizado do homem brasileiro, por passar a pertencer a um dos setores mais tradicionais e considerados da sociedade brasileira: a Igreja Católica.

Do ensino da língua portuguesa

Dando continuidade à interpretação do discurso de Celso Pedro Luft, apresentamos novo recorte de **Língua e Liberdade**, em que o autor elenca os problemas e os pontos negativos relacionados ao ensino da língua portuguesa:

[...] as falsas noções de língua e de gramática, a obsessão gramaticalista, a distorcida visão de que ensinar uma língua seja ensinar a escrever ‘certo’, o esquecimento a que se relega a prática da língua, e, mais que tudo: a postura opressora e repressiva, alienada e alienante desse ensino, como em geral de todo o nosso ensino em qualquer nível e disciplinas (LUF, 1985, p. 10).

Prosseguindo em seu discurso, Celso Pedro Luft apresenta a qualificação negativa atribuída, principalmente pelos alunos, às aulas de língua portuguesa – *as detestadas ‘aulas de Português’*; e a substantivação de um estado de espírito – *desânimo dos professores dessa matéria* (1985, p. 10) – que revela a falta de boa vontade, de coragem, de ânimo dos professores. Acrescenta que, nos concursos e nos textos falados e escritos de universitários, pode-se comprovar o fracasso do ensino de nossa língua materna.

Tendo por base, então, as concepções de Noam Chomsky (1978; 1973), de que linguagem e gramática são inatas aos homens, Celso Pedro Luft propõe *uma mudança radical em nossas aulas de português* (1985, p. 10).

Fala inicialmente sobre a necessidade de tratar o aluno como alguém que já sabe sua língua e a quem a escola deve incentivar a liberar suas potencialidades, devendo também expor-lhe excelentes modelos de língua, daí dizer que deve ser desenvolvida “uma prática sem medo, num ensino sem opressão” (1985, p. 10).

Interessante notar a relação entre *medo e opressão* por um lado e *ensino escolar de língua portuguesa, de língua materna*, por outro. Tal associação, que a partir das evidências nada deveria ter em comum, nos remete não só a situações escolares atuais, mas também, e principalmente, às memórias, às condições de produção, que acreditamos terem se feito presentes a Celso Pedro Luft, no momento de sua escritura, relativas a sua própria experiência como aluno e como professor.

Celso Pedro Luft sugere, então, como solução para sanar esses problemas: um trabalho de crescimento em conjunto tanto do aluno quanto de

professor; um comportamento por parte do professor que não o coloque como *'aquele que sabe'* diante do aluno, *'aquele que não sabe'* (LUFT, 1985, p. 10); e a necessidade de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de um espírito crítico.

Finaliza suas palavras dirigidas ao leitor externalizando seu objetivo de posicionar-se *contra um ensino gramaticalista da língua materna* e expressando o seguinte em relação a *"este livrinho"* (1985, p. 11):

Quanto a mim, espero que promova debates, estudos e pesquisas em busca de reformulações, por um ensino que faça o aluno desenvolver-se, não encolher convencido de que nada sabe. Talvez assim se obtenha, lenta e laboriosamente, a formação de cidadãos lúcidos e livres. Senhores de sua linguagem (1985, p. 11).

Na nossa opinião, as duas últimas frases da introdução que apresentamos revelam o objeto de desejo de Celso Pedro Luft: dominar a língua portuguesa como se fosse sua língua materna, sentir-se senhor de sua linguagem.

Conclusão

Por outro lado, tratando-se de liberdade, pode-se dizer que diferentemente de sua posição-sujeito em outras obras, nesta Celso Pedro Luft apresenta-se em primeira pessoa e, além do uso do *eu*, acrescenta passagens familiares e profissionais suas. Não se apaga na impessoalidade.

Celso Pedro Luft aborda diversos pontos, segundo ele, problemáticos para um ensino proveitoso da língua portuguesa como língua materna. Além-se a historiar o que é feito nas escolas, o que os professores ensinam, o que os alunos não aprendem, os conteúdos constantes nas gramáticas, a utilização inadequada da gramática.

Para reforçarmos o que estamos apresentando, citemos palavras e expressões suas que servem para qualificar: i) a língua, afirmando que *nada mais natural que aos alunos a língua materna pareça algo estranho, complicado, desagradavelmente constrangedor* (1985, p. 53) e acrescentando que os alunos consideram a língua portuguesa como a mais difícil do mundo; ii) o ensino, o qual Celso Pedro Luft caracteriza como *castrador e traumatizante* e informa que *pode-se até falar em proporção inversa: mais o professor ensina, menos o aluno sabe* (p. 53) e que *"ensinar Gramática em sala de aula é inútil, se não prejudicial, dados os métodos com que isso vem sendo feito* (p. 97); iii) os alunos a quem se aplica o ensino da gramática em sala de aula: *se convence o falante nativo de que ele não sabe a língua que fala*.

Dessa sua busca por apontar os equívocos, os senões, resulta um discurso que procuramos interpretar, inferindo o que nos parece fazer sentido de acordo com a trajetória de vida do autor. Desse modo, buscamos nas evidências linguísticas o que as singulariza face às condições de produção que as circundam.

Referências

- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Trad. por José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1978.
- _____. **Linguagem e pensamento**. Trad. por Francisco M. Guimarães. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua & Liberdade**. Porto Alegre, RS: L&PM, 1985.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma afirmação à crítica do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.